

Eixo temático: 9 - Pesquisa, Artes, Mídias e Educação.

BREAKFAST WITH SCOT: CINEMA, GÊNERO E SEXUALIDADES NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E PROFESSORAS

Alessandro Garcia Paulino¹
Cláudia Maria Ribeiro²

Resumo: Este trabalho tem como panorama a formação inicial de professores/as nos cursos de Licenciatura da Universidade Federal de Lavras – MG nas temáticas de Gênero, Sexualidades e Cinema. Foi realizado um curso de extensão intitulado “Cinema, Gênero, Sexualidades e Educação” para os/as discentes dos cursos de licenciatura. O curso de extensão foi dividido em três momentos: 2 horas presenciais para a mostra fílmica, 2 horas presenciais para a discussão do filme e 4 horas a distância para a produção de um texto a partir do filme assistido. Foi utilizado o filme “*Breakfast With Scot*” (2009) cujas temáticas centrais abordaram as questões de gênero e sexualidades. O material empírico adveio do Grupo Focal, ou seja, aos discentes dos cursos de licenciatura, foram propostas reuniões de modo a realizar discussões, levando em consideração seus saberes e discursos a respeito das temáticas de gênero e sexualidades a partir do filme assistido. O material empírico, advindo desses procedimentos de pesquisa, foi articulado com as teorizações Pós-estruturalistas e os estudos Foucaultianos, buscando operar com o desafio de realizar este trabalho por meio dessas perspectivas. Notou-se que os/as discentes participantes do curso anseiam pelas problematizações nas temáticas de gênero e sexualidades e de que há uma necessidade da intervenção por parte da Universidade para ampliar as possibilidades de um contínuo processo de formação. Por fim, o cinema possibilitou ampliar as discussões levando em consideração a educação para as imagens no processo de subjetivação dos/as participantes.

Palavras-chave: Cinema. Diferenças. Educação. Homossexualidades.

Navegando sobre as questões do cinema, sobre o jogo entre o verdadeiro e o falso, sobre essa força criadora, iniciamos as discussões sobre as temáticas de gênero e sexualidades propondo delinear e traçar alguns aspectos fundamentais referentes à película “*Breakfast With Scot*” e os enunciados de discentes dos cursos de Licenciatura da Universidade Federal de Lavras (UFLA) a partir das discussões realizadas utilizando a metodologia do Grupo Focal (a transcrição dos enunciados são identificados no texto como GF seguidos de uma letra fictícia que era destinada a cada discente).

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (PPGE/UFLA). Professor substituto do Departamento de Química da Universidade Federal de Lavras (DQI/UFLA). Membro do Grupo de Pesquisa Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na contemporaneidade: a problemática da Formação Docente.

² Possui graduação em Pedagogia pela Fundação Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Lavras (1974), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1994) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2001). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Lavras atuando no ensino, na pesquisa e na extensão produzindo conhecimento nas temáticas de Sexualidade e Gênero. Coordena o Grupo de Pesquisa Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na contemporaneidade: a problemática da Formação Docente.

Através dessa metodologia foram realizados encontros onde os/as discentes assistiram ao filme, produziram textos (que são identificados durante o trabalho como TD seguidos do número que era atribuído a cada discente) e foram realizadas algumas reflexões a respeito de temáticas como gênero, sexualidades, masculinidades e infâncias. Pretendemos, portanto, trazer nas discussões seguintes fragmentos desses resultados obtidos a partir da conclusão da dissertação.

Breves considerações sobre o filme

Eric vive para o hóquei e, depois de uma contusão causada em jogo, aposenta-se e atua como apresentador de um grande programa televisivo sobre esportes, grande sonho de sua vida. Eric e seu companheiro Sam vivem uma vida discreta e tranquila numa rua arborizada em um bairro na cidade de Toronto, Canadá.

Toda a tranquilidade da vida pacata e linear de Eric e Sam é interrompida com uma notícia inesperada: a ex-namorada de Billy, irmão de Sam, havia falecido, deixando a guarda temporária de seu filho Scot com Eric e Sam.

Mesmo com a reprovação de Eric, Sam concorda em levar Scot, um garoto de 11 anos, para viver juntamente com o casal. Scot é o oposto de Sam; o garoto veste-se com roupas de cores vibrantes, adora músicas natalinas, usa cremes e adereços extravagantes, como uma pulseira charmosa de sua mãe, configurando-o na trama como um menino do qual Sam e Eric não esperavam ou não imaginavam.

Havia instaurado no ambiente familiar uma completa desordem; Eric precisava esconder a todo o momento o fato de Scot ter entrado na sua vida e no seu meio esportivo, enquanto o próprio garoto vivia em sua plenitude a diferença.

A partir dessa desordem trazida ao ambiente familiar gay, pela figura de Scot, é que pretendemos problematizar, por meio de recortes imagéticos, as diferenças, o esporte e as relações de gênero com foco nas masculinidades, procurando imbricar os discursos dos/as discentes a partir da experiência do grupo focal e da produção do texto.

É importante lembrar que, no contexto da pesquisa, o foco central não se encontra necessariamente na leitura de imagens, mas, sim, no que diz respeito à análise de conteúdos, entretanto, considero importante trazer para o texto o que a teoria do cinema pode colaborar com o campo da educação, das relações de gênero e das sexualidades.

Gênero, sexualidades e governo dos corpos

Neste movimento de outros espaços, das heterotopias e do texto cultural, problematizamos a relação de Scot e Eric durante a trama e suas implicações para as relações de

gênero e das sexualidades. Como ferramenta, utilizo os enunciados dos/as discentes e, por meio da linguagem fílmica, os discursos que nos contam como as relações hegemônicas são estabelecidas e como a construção das diferenças baseadas nas questões dos esportes e do jogo são tão expressivas em “*Breakfast With Scot*”.

Um/a dos/s discentes começa seu texto apontando sobre a abordagem do texto e percebemos, introjeadas na sua fala, as relações que se entrelaçam na trama que a partir de sua visão e daquela que o filme lhe atingiu necessitam de análise:

TD5: “O filme aborda um tema muito difícil de lidar hoje em dia, ele trata sobre a questão da homossexualidade. O filme é sobre um ex-jogador de hóquei gay que luta junto com seu companheiro pela guarda do menino Scot, porém o menino tem tendências gays e até eles mesmos sentem certo preconceito em relação a isso, o que é certa ironia levando em consideração o fato que eles são um casal gay.”

TD6: “O filme trata sobre um tema interessante, a formação de uma família que vai além do estilo pai e mãe, no caso, uma família homossexual formada por Eric, Sam e Scot, envolve a dificuldade de aceitação e auto-aceitação em relação à sexualidade. Foi interessante ver o processo de amadurecimento dos personagens no decorrer do filme, mesmo que não tenha ficado clara pra mim a verdadeira opção sexual de Scot, pois mesmo ele se vestindo e se comportando de diferente ele era uma criança e não tinha sexualidade formada ainda.”

TD8: “Pelo parecer do filme e em minha opinião sobre como uma pessoa se torna homossexual, ainda continuo com a ideia de que as pessoas nascem com essa opção. Alguns, como o garotinho do filme, desde criança já é bem resolvido, sabe o que quer, outros se descobrem na adolescência, alguns demoram mais um pouco.”

TD9: “Ao assistir ao filme e debater-lo, pude observar diversas situações, que normalmente são vítimas de preconceito, em uma única “família”, assim tornando o filme mais interessante e complexo. Essas situações incluem principalmente o fato do casal ser gay (sendo um deles uma pessoa pública), saber lidar com um menino de uns 11 anos que apresenta indícios de ser gay, além de poder adotá-lo e protegê-lo das críticas da sociedade.”

Esses discursos continuam a aparecer no GF quando alguns/mas discentes se prontificam a tentar dizer sobre o gênero e sobre as sexualidades de Scot:

GF-R: “Eu acho que o filme mostra o menino como gay. Na verdade o filme mostra. Mas a gente pode pensar por outro lado, às vezes ele não era gay né? “

GF-Y: “Eu acho que o filme mostra assim, que ele é gay, e que ele não liga para que os outros vão pensar. Ele já era assumido. Ele não queria esconder nada de ninguém.”

GF-X: “E o que faz a gente pensar, na sociedade em geral né? Assistindo ao filme, na hora que o menino aparece, a primeira imagem dele com... ele não está com uma roupa feminina, mas aquele lenço do pescoço, já era um caso pensado. Porque geralmente na sociedade, nós não vemos uma criança, um menino de 10 anos usando um lenço bem chamativo assim.”

Esses enunciados apresentam pontos que estão presentes em grande maioria dos processos de formação de professores/as. O primeiro deles é o de que as homossexualidades são um tema difícil de ser abordado, o segundo sobre a expressão “tendências gays” e o terceiro o uso de determinados termos como “opção sexual” em vez de terminologias como orientação sexual ou identidade sexual, como se o sujeito optasse por ser heterossexual, bissexual, homossexual e/ou transexual.

Temos interesse em dizer sobre as “tendências gays”, para levantar alguns questionamentos: o que são tendências gays? Como se observa que as crianças têm, segundo o/a discente, estas tendências? O que esse tipo de discurso tem afetado no processo de subjetivação das infâncias? Arriscamos um pouco a pensar a respeito disso levantando em questão um texto de Preciado (2013)³, onde a mesma diz:

Quem defende o direito das crianças diferentes? Os direitos do menino que adora se vestir de rosa? Da menina que sonha em se casar com a sua melhor amiga? Os direitos da criança *queer*, bicha, sapatão, transexual ou transgênero? Quem defende o direito da criança a mudar de gênero, se for da vontade dela? Os direitos das crianças à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade? Quem defende os direitos da criança a crescer num mundo sem violência sexual ou de gênero? (PRECIADO, 2013).

Mais do que um apelo para as visibilidades das “tendências gays”, Preciado (2013) nos convida a pensar nas infâncias de modo ético e respeitoso com o seu corpo, seus desejos e suas sexualidades. Quem defenderá as crianças que são privadas de qualquer forma de resistência, de quaisquer possibilidades de usar seu corpo livre e coletivamente? Preciado (2013), ainda, evoca a pensar que devemos defender “o direito das crianças e dos adolescentes a serem subjetividades políticas que não se reduzem à identidade de gênero, sexo ou raça”.

³ Texto original em Francês Qui défend l'enfant queer? Publicado no site Libertation, no dia 14 de Janeiro de 2013 as 19 h e 6 minutos. Este texto foi produzido na contramão da marcha contra o casamento homossexual na França e que contou com a participação de Frigide Barjot, considerada protetora das crianças em seu país.

Pensando, ainda, no contexto das infâncias e das práticas que vão sendo delineadas, durante o filme, buscamos alguns outros pontos que fazem a trama cinematográfica possível de problematização. Refletindo, ainda, sobre a constituição da subjetividade das crianças não há como não pensar na relação do corpo com os esportes.

O hóquei é panorama central durante o filme, esporte de força, agilidade e agressividade. Eric desempenha a figura do “jogador enrustido” que pratica o esporte e tem completa aversão a crianças.

TD9: “Já em relação ao Eric, no começo ele não estava tão à vontade com essa nova ocasião, pois mesmo sendo gay, fazia de tudo para não se revelar, jogando de maneira agressiva e machista. O seu grande medo era sofrer influência pela convivência com Scot, tornando-se um gay sensível aos olhares públicos. E isso pode ser visto, na introdução durante o jogo de hóquei, na cena em que leva Scot para fazer compras e quando pega todas as maquiagens do garoto e as coloca numa caixa de ferramentas.”

Quanto aos esportes, Dunning e Maguire (1997, p. 324) nos demonstram uma percepção acerca das pressões e da postura com o qual os homens britânicos são constituídos no âmbito destas relações:

De fato, as pressões em favor da prática dos esportes - quer provenham da mídia, da escola, do grupo etário e, em muitos casos, dos pais, que desempenham o papel de modelos - são tão fortes, que os homens britânicos, quase independentemente de sua classe social, mas talvez não de seu credo religioso ou de sua afiliação étnica, são obrigados, ao crescer, a proceder a uma adaptação interior. Parece ocorrer assim em todos os casos: quando eles se conformam e optam pela via esportiva nos seus lazeres e talvez também em sua vida profissional; quando eles se desviam da norma e se identificam a formas de cultura "anti-esportistas" que estão crescendo na sociedade britânica; ou então quando seguem uma via intermediária entre esses dois extremos. É importante observar, nesse particular, que em numerosos setores da sociedade britânica, notadamente em meios totalmente masculinos, os homens "desviantes" que por uma ou outra razão optam pela vida anti-esportista, se arriscam a ser qualificados de forma insultuosa pelos seus pares, de "afeminados" e até mesmo de "homossexuais".

Não somente no contexto britânico, mas no contexto da sociedade pós-moderna, temos observado a veiculação, por meio dos meios midiáticos dos estereótipos que definem o sujeito esportista e o “anti-esportista”, algo que, como nas falas de Foucault (2011), se definiria por um dispositivo⁴ entre os normais e os anormais. Eric é um desses esportistas e vê carregado em si o

4 A través deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2011, p. 244)

estigma do peso do hóquei, mas, ao mesmo tempo o da homossexualidade; este fato é evidenciado em uma das cenas da película: *“Trabalho com esportes e alguns dos caras que converso... não conversariam comigo se soubessem que eu era... que sou...”*.

Podemos evidenciar esta situação novamente em uma das cenas do filme no qual Scot dialoga com Eric sobre o que é ser gay e a relação de sua sexualidade com o esporte. Scot questiona o que Eric fazia para “mascarar” sua identidade:

Scot: *crianças acham que sou gay.*

Eric: *Mesmo? Isso é um choque. Você sabe o que significa ser gay, não é?*

Scot: *Significa que elas não gostam de mim.*

Eric: *Não significa isso. Gay é um rótulo. Como alto ou estranho.*

Scot: *Como sabe quem sabe?*

Eric: *Quem sabe o que?*

Scot: *Sabe que você é gay.*

Eric: *Não sou... Certo. Eu sou... Mas não sou só gay.*

Scot: *E antes de você ser “só gay”.*

Eric: *O que tem?*

Scot: *Provavelmente queria que ninguém soubesse certo? Você deve ter fingido não ser “só gay”*

Eric: *E daí?*

Scot: *O que você fez?*

Eric: *Não tive que fazer nada. Eu jogava hóquei.*

Quando o garotinho de 11 anos entra na vida dos personagens, a reviravolta é evidente, principalmente na vida de Eric, tão ligado aos enquadres definidos pelo meio social e pelo meio esportivo.

Scot escapa do centro, está sempre fugindo dos dispositivos, dos enquadres e das classificações binárias de gênero, algo que se resume na fala de Eric sobre o garoto: “Ele sabe muitas coisas. Mas não muito sobre como ser um menino” ou “[...] esse garoto não tem ideia de como se comportar”. O fato de usar cintos de poodle, maquiagens, roupas coloridas, um marabu roxo, uma varinha de condão e uma escova de pentear os cabelos giratória, musical e brilhante incomoda profundamente o grande jogador de hóquei, Eric.

Confrontando o incômodo e o entendimento da relação que o casal tem com Scot o/a discente Q nos diz:

GF1-Q: “Uma coisa que eu acho interessante pensar é como existe uma grande confusão do que é orientação e do que perpassa as questões das identidades de gênero. No

sentido de que... a lógica que recai sobre os estereótipos... ah, se usa aquelas plumas é gay. Ser gay é totalmente diferente. E de como o próprio casal de homossexuais confunde sobre isso.”

O/a mesmo/a continua a sua análise ao dizer:

GF1-Q: “Em nenhum momento, acho diferente de “Minha vida em cor de rosa”, em nenhum momento o filme demonstra que o Scot, digamos, se identifique com o outro gênero, no sentido de ele se vê como uma mulher, como isso aparece mais em Minha vida em cor de Rosa. Esse fato acaba sendo construído mais pelos personagens do filme bem como pelos próprios telespectadores.”

O/a discente Q, pelos seus enunciados permite a possibilidade de pensar na confusão entre orientação e do que perpassa as identidades de gênero, dizendo-nos que a lógica sempre recai na demarcação dos sujeitos por seus comportamentos e seu corpo. O fato de Scot usar plumas e outros adereços causa estranhamento e reforça no pensamento do casal uma concepção estritamente normativa ligada à homossexualidade.

Portanto, esse estranhamento passa a fazer parte dos sujeitos envolvidos na trama, levando Eric e Sam a cercearem as atitudes do pequeno garoto, tentando controlar, normalizar e governamentalizar suas atitudes e seus gostos, impedindo-o de exercer livremente suas vontades, procurando fazer agir sobre ele um poder de controle do corpo e de suas ações.

Isso é percebido pelo/a discente 9:

TD9: “Quantas vezes até nós mesmos já julgamos as pessoas sem nem conhecê-las, só pelo fato delas se expressarem mais, ou até mesmo não se vestirem e comportarem de acordo com o padrão social. E infelizmente isso vem da nossa própria cultura, que começa desde pequeno, como por exemplo, meninas têm que brincar com bonecas, associando aos futuros filhos e comidinhas, associando com "donas de casas", os meninos com carrinhos, bolas, video games, para serem os chefões da casa, e os que não seguem esse padrão muitas vezes são rejeitados pelos coleguinhas ou até mesmo pela própria família.”

Neste mesmo movimento, Foucault (apud REVEL, 2005, p. 65) afirma essas formas de controle, declarando que a “norma corresponde à aparição de um bio-poder, de um poder sobre a vida e das formas de governamentalidade que a elas estão ligadas [...]”, ou seja, um autogoverno dos corpos de homem e mulheres.

Em sua obra *Microfísica do poder*, Foucault (2011, p. 291-292) nos elucida sobre a necessidade de uma história da governamentalidade e com estas palavras ele nos cita a respeito de três aspectos sobre a questão do governo:

1 – o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma

principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. 2 – a tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros – soberania, disciplina, etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes. 3 – resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentalizado.

Em uma aproximação, por meio de mecanismos específicos de governo sobre o corpo, Eric e Sam iniciam o processo de controle, confiscando de Scot todos os seus utensílios que poderiam aproximá-lo do feminino, do delicado ou do sensível: maquiagens, cremes, joias e acessórios.

E é por meio desse governo de seu corpo e das relações de poder que Scot vai construindo sua masculinidade, baseando estrategicamente na figura do outro – Eric – e, conseqüentemente, na virilidade que o esporte proporcionaria para que fosse visto como o moleque macho.

O hóquei vai trazendo para a vida de Scot certos enquadres e certas maneiras de ser de modo a se afastar daquela criança na qual transitava entre as fronteiras de gênero e das sexualidades. Em contraposição aos dispositivos da sexualidade construídos no cotidiano da vida de Scot, a partir de Foucault (2004, p. 260), podemos pensar as sexualidades em outro contexto:

A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A sexualidade é algo que nós mesmos criamos - ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação.

Entretanto, vemos Scot indo contra toda essa liberdade da criação e da arte de viver, e isso é fortemente percebido quando decide entrar para a equipe de hóquei. A partir de então, vemos a figura agressiva tomar conta das atitudes e gestos de Scot. Conseguimos analisar que, mediante a todo um esforço de regulamentos, a criança se aproxima das normas e dos enquadres.

Aproximando do final, vemos a família formada sendo desfeita com a possibilidade da ida de Scot para a tutela de um parente mais próximo. Mediante essa possibilidade, Sam e Eric caem em si e analisam tudo o que Scot havia passado no decorrer dos últimos dias: controles, normas, regras e proibições.

Somente com esse evento, observou-se que a pequena criança era a peça fundamental para a alegria e o bem estar do espaço social constituído; a partir de então, o controle do corpo passa a ser intencionalmente abolido. Scot agora se vê na angústia de ter que deixar Sam e Eric.

Com os desenrolares finais da película, temos Scot podendo vivenciar a sua infância ou parte dela no seu convívio social com os/as amigos/as, Eric e Sam, utilizando seus cremes, brinquedos e maquiagens. Scot luta pela permanência com o casal que acaba sendo realizada nos últimos minutos do filme.

Por fim, a criança faz do impossível a possibilidade de potência, como nos dizeres de Larrosa (2010, p. 192), “que vai do possível ao real é o que se fabrica o que se produz. Mas o que nasce começa sendo impossível e termina sendo verdadeiro...”.

Referências Bibliográficas

BREAKFAST with scot. Direção de Laurie Lynd. São Paulo: Paramount Video, 2009. 1 DVD (94 min.), Son., color.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, p. 321-348, 1997.

FOUCAULT, M. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **Verve – Revista do NuSol**, São Paulo, n. 5, p. 260-277, 2004.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 29. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga Neto. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PRECIADO, B. **Qui défend l'enfant queer?** Disponível em: <http://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-l-enfant-queer_873947>. Acesso em: 8 ago. 2013.

REVEL, J. **Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.